



UM OLHAR DA MARGEM: a ética da estética em Lima Barreto, análise da crônica “as enchentes” à luz da sociologia compreensiva

Marília Köenig¹

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo destacar a estética inerente à obra ‘marginal’ do escritor e jornalista carioca pré-modernista Lima Barreto (1890-1922), especificamente por meio da crônica “As enchentes”, a qual compõe a coletânea “Vida Urbana” (1956), por meio da Sociologia Compreensiva. O objetivo é perceber de que modo a motivação da estética dissonante de seu trabalho o conecta ao pensamento de Michel Maffesoli, justamente pelo conceito de ética da estética (2005; 2010). Como objetivos específicos têm-se: perceber e apontar o diálogo da obra de LB com autores que tratam da modernidade e seus efeitos negativos, bem como da modernidade tardia ou pós-modernidade, do imaginário social e da nação, como Maffesoli (2005; 2007; 2010), Silva (2006), Hall (2006) e Anderson (2005), respectivamente.

Por conseguinte, a Literatura militante à qual Lima dedicou-se durante toda a vida, pode-se dizer, está a serviço de um *estar-junto* a que a pós-modernidade incita em contraposição ao individualismo radical trazido pela modernidade? O discurso do literato manifesta frustração e revolta, mas não esconde um possível alento (vide texto sobre as mulheres, em *Vida urbana*). Destaca a fusão, a necessidade de não circunscrever a arte, e, no caso de Lima, a Literatura, a padrões estritos e estagnantes impostos pela doxa dominante (MAFFESOLI, 2007). A Sociologia Compreensiva (MAFFESOLI, 2010) será o aporte teórico

¹ Jornalista e docente; mestra e doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

que sustentará a análise. Seus pressupostos servirão de critérios de análise da crônica “As enchentes”, de Lima Barreto.

2. O CONCEITO DE ÉTICA DA ESTÉTICA: a negação da referência única na literatura marginal de Lima Barreto

Nas próximas linhas, discute-se o conceito basilar que motivou a produção deste artigo: a ética da estética. O conceito indica, antes de tudo, uma relação sinérgica entre razão e sensibilidade para entender a vida e os diversos fenômenos sociais. A ética da estética a qual Maffesoli (2007) alude refere-se à expressão, também por meio da arte, do espírito coletivo que marca a pós-modernidade.

A ética, no entendimento maffesoliano, funciona como um “juízo da existência”, o que em muito ultrapassa um “juízo de valor” (2005, p. 11). Tal sensibilidade teórica dedica-se à diminuição da dicotomia imposta na modernidade entre a razão e o imaginário (ou entre a razão e o sensível). Essa ética estaria em oposição a uma moral de valores estritos (marca da modernidade), em favor da socialidade aberta e plural, na qual a diversidade de valores e modos de vida dos indivíduos é considerada, estilizada e compartilhada.

Em *No fundo das aparências* (2005), Maffesoli destaca a estetização da existência, “dar à estética um sentido pleno (p. 12); a necessidade de tornar emocional o laço social”. O que, pela hipótese ora traçada, já se percebe nas crônicas barretianas analisadas. Para o teórico, esse é o melhor meio “de denominar o ‘consenso’ [...] dos sentimentos partilhados ou das sensações exacerbadas” para atingir a socialidade.

A ética estaria aqui posta como algo particular, agregador, em muitos momentos, efêmero, elaborando-se a partir de um território dado, “seja ele real ou simbólico.” (MAFFESOLI, 2005, p. 16), como elemento fortalecedor de determinado grupo. A separação entre ética e estética se deu durante muito tempo, sendo recorrente na modernidade, época na qual a racionalidade e os padrões sobrepujaram a sensibilidade e a subjetividade.

Ele propõe uma identificação por meio do conceito aglutinador de ética da estética. O que se vê em LB quando, ao ler *Vida urbana*, supõe-se essa transcendência com relação à modernidade. Visão a qual, nessa perspectiva, já é possível vislumbrar no olhar de Lima Barreto sobre o cotidiano ao se propor ter

tido ele um literato transcendente aos valores expostos e trabalhados na Literatura de seus dias sob um olhar abrangente, que leva em conta as diversas imposições sociais (MAFFESOLI, 2005), não em função de um otimismo “de privilegiado, mas considerando o sólido vitalismo social que, mesmo através das mais duras condições de vida, não deixa de se afirmar [...] (ibid., p. 12).

Um modo de apreciar em conjunto, de modo consensual (*cum-sensualis*). Uma “sensibilidade da razão, a saber, o que em todos os domínios: políticos, profissionais, morais, abala a razão por essas forças sensíveis que são as da vida privada ou pública. Observar que há uma sinergia cada vez mais pronunciada entre o pensamento e a sensibilidade” (ibid., p. 12).

A ética está refletida na arte e no conhecimento produzidos na modernidade tardia (estética). Essa seria a ética da estética transcendente à fragmentação e à óptica racionalista da modernidade. Ética da socialidade na qual o carioca Lima Barreto está inserido.

Na modernidade, portanto, a questão do estilo estava circunscrita ao domínio da arte, haja vista haver, nesse cenário, uma dissociação entre os diversos campos de atividade humana, estando a economia separada da ciência, a ciência separada da arte, a arte separada da religião, etc.

Na modernidade tardia tem-se uma interação entre os diferentes campos da vida social, no qual o estilo pode ser compreendido como “princípio de unidade”. Isso, aliás, parece já estar presente em Lima Barreto. Como narrador do vivido, sendo esta uma hipótese a ser investigada nesta pesquisa, já imprime às obras muito do cotidiano no qual vive.

Até a variedade linguística por ele utilizada, marcada pela coloquialidade, parece dar conta do objetivo de transpor, via Literatura, a sua vivência. “Elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com os outros será primordial” (MAFFESOLI, 2005, p. 12). É isso o que o autor francês designa por ética da estética.

Em sua obra, portanto, Lima Barreto obedece a uma ética dissonante, marginal(izada) com relação à preconizada em seu tempo, em oposição a uma moral estrita, a um julgamento de valor fechado e excludente, tendo sido ele mesmo um excluído desse sistema. Alude a valores e agruras de uma coletividade desconhecida aos leitores da Literatura *do sorriso* da sociedade. Sua estética, dotada de coloquialidade, portava a visão desoladora da vida dos desvalidos pelo

processo de modernização. Estética esta que, em todo seu legado, tentou chocar e desafiar os padrões parnasianos em voga na obra dos escritores consagrados.

O autor francês destaca ainda, ao falar do estilo, que na vida social as coisas só podem ser apreendidas se forem estilizadas. Levando-se em conta a obra barretiana, por exemplo, esta só pode ser compreendida a partir do estilo peculiar o qual o autor imprime a suas obras, ao estetizar, via Literatura, o contexto (e, portanto, o estilo de vida) da sociedade carioca da *Belle époque*, sem “dourar a pílula” da realidade como acontecia na Literatura *do sorriso*. Acerca desse aspecto da *Belle époque* carioca, Melo (2010) destaca crônica de Bilac publicada na Gazeta de Notícias, em 1903 que retrata as humildes moradias do Centro carioca “como criações monstruosas dignas apenas de banimento e atribui às ações do ‘bota-abaixo’ da prefeitura um caráter até divino” (p. 28-29):

Chorai barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa última hora... Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes de fealdade, templos de hediondez -, como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura!.

138

Ao produzir tal observação, Melo acentua o lugar de onde fala Bilac. “Vinculado aos círculos de poder de sua época, uma representação bastante sofisticada e nítida do processo de modernização urbana do Rio de Janeiro e de suas dimensões excludentes”, processo o qual buscava, destaca o autor “[...] assegurar para as classes abastadas um espaço público propício a integridade e a ostentação do status, de acordo com as últimas tendências do mundo tido como civilizado (ibid. p. 28-29)”.

Lima Barreto, em todo o seu legado, vai externar essa impressão: de uma modernização promovida de fora para dentro, a qual vai aumentar o abismo social na Belle époque carioca. Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, romance analisado pela pesquisadora em sua dissertação de mestrado, a passagem em que Isaías descreve o protesto organizado pelo Sindicato dos Sapateiros é emblemática e vai, em realidade, enfatizar a questão que Melo (2010, p. 29) descreve a seguir.

A Belle Époque carioca estava (...) imersa nesse caudilho de tensões sociais e era cada vez mais alicerçada em torno de medidas políticas excludentes e tendenciosas, por parte das elites que tomaram as rédeas da jovem república. A

enorme ocorrência de revoltas, protestos e guerras civis durante esse período demonstram que, longe de se portarem como massa apática ou carneirada de currais eleitorais, os populares reagiram, longe dos padrões oficiais de participação política, aos impactos do processo de modernização imposto ao Brasil.

Na *Belle époque*, o país sofre fortemente a influência dos valores e da cultura europeia, em especial da francesa. A elite cultural da época busca de muitas formas transportar os valores e a noção de modernidade à então Capital Federal, com vistas a proporcionar uma melhoria urbana e rumo à civilização e modernidade tão desejada por essa elite. Modernizar o Brasil significava acabar com o estigma colonial que assombrava a cultura “civilizada” e espelhada na Europa. O que Lima Barreto vai criticar duramente em suas crônicas.

2.1 A INDISSOCIÁVEL RELAÇÃO ENTRE O ÉTICO E O ESTÉTICO NO VÍNCULO SOCIAL: recusa ao cânone

Maffesoli (2007, p. 12) destaca em *O ritmo da vida* a relação indissociável entre o ético e o estético. “[...] é fato que o ético, fundamento do vínculo social, depende estruturalmente do estético, cimento social. É essa capacidade de experimentar emoções, compartilhá-las, transformá-las em cimento de toda sociedade”. Emoções que recusam o oficial.

No que diz respeito à ética da estética do relato do vivido, do experimentado, Maffesoli (2010, p. 15) destaca que

desde logo, manifestamos uma preocupação, que pretendemos ética tanto quanto estética. Ética de início, quanto à exigência de um acercamento sempre mais pertinente àquilo que compõe a argamassa do ser/ estar com; estética, enfim, no que concerne ao empenho em descrever, tingindo-o com o mais belo sentimento de admiração possível, o “estilo” peculiar à época.

A recusa ao oficial, aliás, é um ponto chave destacado por Maffesoli quanto a artistas e intelectuais dissonantes, membros do que ele chama de douta ignorância, na pós-modernidade. Não por acaso essa noção foi incluída aqui para falar da ética da estética própria de Lima Barreto, a qual se propõe a lançar um desafio aos padrões impostos a literatos e artistas de seus dias. Nesse ínterim, observa Resende (*in* SCHWARZ, 1983, p.74), o escritor fez o que Néelson Coutinho aponta como opção radical a um intelectual: vincular-se permanentemente às camadas populares.

Ao recusar o padrão vigente na *Belle époque*, o literato ousa ser “independente num momento em que a cooptação dos intelectuais pelo poder é freqüente (sic), e não manterá, por toda a vida, qualquer compromisso que ligue sua produção cultural ao Estado ou às classes dominantes”. E a primeira recusa se dá pelo uso, na prosa de LB, da variedade linguística coloquial, mais próxima à fala, à linguagem cotidiana.

Também em *O conhecimento comum* (2010), o autor reforça a ideia de que os padrões positivistas, que tudo desejavam submeter à razão e à explicação lógica na modernidade, devem dar lugar a uma perspectiva pluralista, abrangente e mais próxima do cotidiano. Aqui, na visão da autora, está o ponto de confluência entre ele e LB, ainda que muitos distantes no que diz respeito à temporalidade.

Pela perspectiva da socialidade, que para Maffesoli é comunhão, conforme preconiza Motta no prefácio de *O conhecimento comum* (2010, p. 12), e da necessidade de o artista estar conectado à vida cotidiana, fortalece-se aqui outro viés. O do sentimento comunitário, destacado por Maffesoli como uma volta aos arcaísmos da humanidade, à retribalização, ou seja, às origens, ao sentido de pertença e à necessidade do coletivo para se exercer o individual.

O estilo, então, constituiria uma língua comum (em uma remissão à comunidade, ao coletivo). No aqui e no agora, percebe-se coletivamente o mundo, na iminência de um novo tempo, de um novo paradigma (no *tempo das tribos*). O coletivo impõe-se, sob tal viés, ao individual, ao racional voltado para o futuro.

Existiria um fundo de cultura, o qual mantém a originalidade pessoal no âmbito do coletivo (ibid., p. 37), delimitando seu terreno. Haveria, aqui, uma maior valorização à heterogeneidade, à qualidade de vida, ao clima social, como partes imprescindíveis desse ideal comunitário que, de acordo com o autor, teria prevalência na pós-modernidade.

Mais particularmente sobre o imaginário cabe destacar o que diz Silva (2006, p. 8), acerca dessa questão. Para o autor, “todo imaginário é uma narrativa inacabada. É um processo, uma teia, um hipertexto. Uma construção coletiva, anônima e sem intenção”. O imaginário, de certo modo, se opõe ao real, pois, via imaginação, se distorce, se formaliza e se idealiza o real.

No item a seguir, será destacada a relação entre o estilo e coletivo, esse “estar-junto” preconizado pelo teórico francês.

2.2 O ESTILO, O COLETIVO E AS IDENTIFICAÇÕES: o sujeito “da margem”

Deve-se, para Maffesoli (2001), pensar o mundo com o espírito livre de todos os preconceitos. A saturação dos valores modernos tende a dar lugar a valores alternativos. Denota também a transição *moderno-pós moderno*. No que tange ao estético, Maffesoli destaca o estilo (um conjunto de formas características, na visão do autor) e a imagem. Ela, já tendo sido mal vista no contexto do Ocidente (“a louca da casa”) é, na atualidade, o polo da atenção das tribos pós-modernas. Estas não mais têm a ver com o individualismo da modernidade.

Maffesoli (1995) enfatiza ser o conceito de *habitus* estudado por Pierre Bourdieu (1996) que dá origem ao conceito de estilo. Frisa, por assim dizer, a cristalização do gênio coletivo (um atleta, um artista, um animal de turfe). Por intermédio do estilo, “cada elemento particular do dado mundano cristaliza toda uma época (Parsifal, Werther, Byron), por isso, constroem-se microcomunidades. Estas explicitariam a saturação do ideal democrático e a emergência (sob muitos aspectos, ambígua) do que se denomina ideal comunitário”. Assim, o *habitus* mental individual é construído de acordo com as vivências e práticas intelectuais de cada um para compor o *habitus* coletivo (MARTINO, 2007).

O que, aliás, também é outro ponto bem expressado por Martino (2007, p. 29-30). O autor pontua que “o Ser, ao projetar-se para o mundo, lança consigo todo fluxo de conhecimento, valores morais e valores estéticos dos quais está provido e dos quais espera um retorno a partir da percepção do mundo. A cada olhar, todo Ser é projetado sobre os objetos e vê nos objetos a imagem de Si-mesmo projetado”, de modo que “a definição do Ser é a realidade plena do Nós” (*ibid.*, p. 36).

Nesse contexto, o sujeito pós-moderno é visto como uma identidade que se fragmenta, tendo entrado em colapso por conta das inúmeras mudanças estruturais e institucionais que estão ocorrendo no âmbito da pós-modernidade. Cada indivíduo, no contexto da modernidade tardia ou pós-modernidade, é constituído não por uma, mas por diversas identidades ou, nos termos de Maffesoli (2007), de incontáveis identificações. Estas, não raro, são contraditórias entre si.

Segundo Hall (2006), mesmo o processo de identificação, através do qual os indivíduos projetam em identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, marcado pelo fato de não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. Essa é uma questão evidente na obra de Lima Barreto. Em vez do sujeito unificado da chamada “Literatura do sorriso” da sociedade (padrão literário da época em que Lima atuou e, por ser dissonante deste, foi rejeitado), o literato carioca já expõe um sujeito fragmentado, dotado de contradições e, por vezes, desvalido: o pobre do meio urbano, sobretudo.

Na conjuntura pós-moderna, pode-se, assim, perceber o mundo por meio da imagem, tendo-se essa não como uma “re-presentation” do mundo, mas como percepção direta desse cotidiano, colocando em relação os indivíduos. Daí o conceito de relativismo figura não como ausência de um ideal, mas como o por (e se por) em relação com o outro e com o mundo.

É possível, então, perceber a obra de Lima Barreto, a ética de sua estética, não como pura representação do real, mas como resultado da percepção acerca das mazelas sociais que o cercavam. Uma expressão do coletivo, da nação brasileira como comunidade imaginada (ANDERSON, 2005), na qual, diferentemente dos cânones da Literatura da Belle époque, Lima Barreto retrata o sujeito que sofre e avança obrigatoriamente para a periferia por conta o processo de modernização do Rio de Janeiro. São ex-escravos e marginalizados de toda ordem. Por ter retratado tal comunidade, então, o literato carioca foi, por essa razão, relegado à alcunha e à condição de ‘marginal’ *das* Letras. É o que se analisará na sequência na análise da crônica “As enchentes”.

142

3. SOCIOLOGIA COMPREENSIVA: como método de análise do olhar da margem para o “centro” em Lima Barreto

A instituição de uma sociologia que entende o cotidiano como este é e não “como deveria ser” interessa à análise da obra de um escritor como Lima Barreto, o qual não descreveu um contexto ideal em sua Literatura. Por essa razão, a Sociologia Compreensiva será elemento fundamental para analisar a crônica “As enchentes”, presente na coletânea “Vida urbana” (1956), na qual o literato carioca descreve (e denuncia) as agruras sociais e ambientais às quais estava submetido um grande número de cidadãos a partir da proclamação da República e da

crescente urbanização/ modernização à qual o Rio de Janeiro, então Capital Federal, estava sendo relegado.

A instituição da Sociologia Compreensiva, de acordo com Maffesoli (*in* SILVA 2001, p. 75), causou “escândalo” no campo sociológico por “aceitar a presença do imponderável, do acaso, do etéreo na cultura”, sendo esta a materialidade do imaginário (e a Literatura uma de suas manifestações), como foi visto anteriormente. O imaginário, a seu turno, “é o estado de espírito transfigurador, que caracteriza a ‘errância’ de um povo. É o que move as multidões” (*in* SILVA 2001, p. 75).

Em sua gênese, conforme Silva (2006), a Sociologia Compreensiva, sistematizada por Weber, propõe-se “a analisar o par sujeito/objeto. Em lugar de demonstrar, mostrar. Em vez de definir, proceder pelas chamadas aproximações sucessivas (Castoriadis). “Compreender/ explicar, como defende Edgar Morin. Compreender a explicação; explicar a compreensão. Relativizar. Pôr em relação. Relacionar” (SILVA, 2006, p. 74). É uma técnica que se constrói em curso, durante sua utilização, na contextualização. Em relação, como disse Silva.

Nesse contexto, o pesquisador do imaginário “mergulha na bacia semântica do outro e trilha seu próprio trajeto, na contramão das verdades de acostamento e das certezas de retrovisor” (*ibid.*, p. 75). O método compreensivo, por sua natureza, lembra Maffesoli (2010), permite uma abordagem indutiva, rica em matizes e composta de discernimento. O dito “conhecimento ordinário”, da vida comum do homem “sem qualidade”, é a mola propulsora que “chama à baila a surpresa e o abalo que instituem os fundamentos de toda obra de pensamento. Ela prepara as armas para ‘sutis’ partidas de caça que, aqui e agora, dizem respeito ao que se vem procurando [...], a vida em seu eterno recomeço, a vida em sua dimensão eterna” (MAFFESOLI, 2010, p. 19).

A Sociologia Compreensiva congrega, por assim dizer, afeto e razão, razão esta que advém do vivido. Este, porém, não pode subsistir sem a razão. Constitui o *ratio vitalismo* citado por Ortega y Gasset (*ibid.*). Esta busca, segundo Moraes (2012), não apenas quantificar a realidade social, mas considerar a subjetividade como fator constitutivo dos processos sociais.

O método, portanto,

preocupa-se com o que é, não com o dever-ser. Esse paradigma vai além, busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são

depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada (2012, p. 134).

Para explicitar a constituição da Sociologia Compreensiva, Maffesoli desenvolveu quatro pressupostos, os quais são, neste trabalho, critérios de análise às crônicas de Lima Barreto. São eles:

1. Crítica ao dualismo esquemático - (ou... ou), a qual foi cara ao Positivismo. O pensamento racionalista, o qual foi base da modernidade, não é suficiente. É preciso haver integração entre razão e componentes da personalidade, resultando em uma conjunção entre a erudição (razão) e a paixão (sentimento e imaginação). O que muda é a reflexão tecnicista em torno do cotidiano (NÓBREGA et al, 2011).

2. A “forma” - opondo-se à excessiva formalização e conteúdo. Para o teórico, “a forma permite a apreensão da imagem e de sua pregnância no corpo social” (MAFFESOLI, 2010, p. 49). Daí a importância de não haver uma forma única, de modo que a excessiva formalização não restrinja o significado. Desse modo, “Maffesoli sugere remexer aqueles conceitos que pareciam estruturados e acabados e nos traz que o que verdadeiramente importa são as inquietações e questionamentos do que as respostas” (NÓBREGA et al, 2011, p. 3);

3. Uma sensibilidade relativista - Esta é manifestada pelo relativismo metodológico que avança e “se consolida nos diversos campos da vida social” (MAFFESOLI, 2010, p. 38);

4. Um pensamento libertário – Esse pressuposto indica a necessidade do pesquisador inteirar-se com seu ambiente imediato. Opera em favor da “liberdade do olhar” (*ibid.*, p. 46), que permite trocas rompendo com a referência única. LB fez isso contrariando, ao questionar e desafiar, os padrões ao transpor, ao texto literário, uma realidade diversa por meio de uma prosa ousada.

Tais pressupostos darão origem à **pesquisa estilística**, que se interessa mais pelo “como se” do que pelo “por quê”. Sugere-se constante intercâmbio entre a forma e a empatia. Tal metodologia, longe da noção de ensaísmo a ela atribuída por “mestres-escolas” (MAFFESOLI, 2010, p. 42), compreende uma estilização da existência.

3.1 ANÁLISE DA CRÔNICA “AS ENCHENTES”: pelas vias da Sociologia Compreensiva

Ao ler “As enchentes”, o leitor contemporâneo que não conheça a obra de Lima Barreto pode pensar estar diante de crônica recente. Isso, em grande parte, pelo fato de que, cem anos depois, o Rio de Janeiro continua sendo assolado pelos mesmos problemas que o literato relata na crônica que segue. No trecho abaixo, Lima Barreto discorre sobre os efeitos das chuvas sobre a vida dos cariocas, bem como cobra da Engenharia (ciência *quase* perfeita, conforme ironicamente trata), uma providência acerca da dificuldade.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis. [...] Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema (BARRETO, 2013, p. 17).

Nesse trecho, pode-se perceber a presença do traço da ironia, dando evidência à sensibilidade relativista que Maffesoli (2010) aponta ao falar do m. Ao destacar ser a Engenharia ciência quase perfeita, LB expõe sua fragilidade. Há aqui, no entendimento da pesquisadora, também uma crítica ao dualismo esquemático ‘ou/ou’, tão caro ao Positivismo. Relativiza-se a Engenharia, tida como uma ciência quase perfeita, exata. Isso porque, conforme Lima destaca, em razão desta ter dado lugar à europeização do Rio de Janeiro, causando as enchentes ora descritas por Lima Barreto. A ironia, por mais absurda que pareça, lembra Hassan (*ibid*, p. 58.). Por destoar de tudo o que era dito na Literatura canônica de seus dias, Lima compõe uma outra referência possível, em atendimento ao quarto princípio da Sociologia Compreensiva (um pensamento libertário) (MAFFESOLI, 2010).

Pluralismo, aliás, que pode ser visto no trecho seguinte, no qual LB atesta, com veemência que “o Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral” (BARRETO, 2013, p. 17). Também pela terminologia utilizada para definir o processo amplo de modernização que o Rio vem passando (Rio dos *squares*, por exemplo), é possível que o autor tenha querido manifestar que, muito embora as estruturas estivessem sendo modernizadas, pela urbanização, questões essenciais como o saneamento e a limpeza de esgotos eram

postas em segundo plano em detrimento da construção de *squarese* do embelezamento do Centro.

Ainda na crônica, atribui ao prefeito Pereira Passos a responsabilidade por tornar a cidade “bela viola” por fora, e “pão bolorento” no que tange aos canais de escoamento pluvial e, sobretudo, com os problemas sociais da então capital de República. “[...] O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. [...]” (BARRETO, 2013, p. 18)

Ele completa destacando que “Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.” (*ibid.*).

Já em torno das questões identitárias, para Ribeiro (2000, p. 9), “quando o que se discute são identidades nacionais, formas de representação que buscam o plano da homogeneidade, dificilmente se aceita a fragmentação de identidade como uma possibilidade de explorar, a partir de um ponto de vista específico, a experiência da diversidade cultural”. Tal aspecto se pode perceber na prosa de Lima Barreto. Por meio da diversidade, da desigualdade social a qual alude, talvez ele tenha trilhado esse percurso: o de representar, pelo retrato da fragmentação, a nação brasileira de seus dias.

É esse cenário que a crônica de Lima Barreto vai denunciar. Nela, o debate está focado na face obscura da modernidade brasileira, seguindo o caminho contrário dos discursos oficiais da *Belle époque* (MELO, 2010).

Voz dissonante que Lima Barreto, principalmente, por sua “dupla exclusão”, conforme os termos de Resende (*in* SCHWARZ, 1983) e Miceli (2004), vai fazer ecoar no contexto literário de seus dias por meio de sua prosa militante.

Para o escritor e jornalista carioca, ressalta Costa (2005), a solução, diante de toda rejeição sofrida por não obedecer aos padrões literários de seus dias, era rasgar a faca a rede de malhas estreitas pela qual só passaria o que convinha, sem obedecer a considerações religiosas, morais, doutrinárias ou dogmáticas. O que, destaca a autora, custou muito caro ao literato.

Em torno da Literatura de Lima Barreto, no entendimento de Prado (MEC, 2005, p. 06), é importante que

Não esqueçamos um fato importante na obra de Lima Barreto: ele achava que literatura não era “belas letras”, literatura era a vida militante, e o que vida militante significava para ele é que o escritor tem o compromisso fundamental de aproximar os homens e torná-los solidários uns aos outros, para que possam resistir ao fardo da vida.

Essa é uma questão que a noção de *estar-junto* trabalhada por Maffesoli sintetiza. A Literatura, para Lima Barreto, tinha necessariamente de ser um caminho para dar fim às “injustiças do mundo”. Uma materialidade do imaginário capaz de mobilizar as sociedades em favor de sua evolução.

Por isso Silva (2006) afirma ser o imaginário um reservatório/motor. É reservatório por agregar imagens, experiências, sentimentos e leituras da vida, tal como foi apontado acerca da obra de Lima Barreto. É motor ainda, por ser um sonho que realiza a realidade, uma força destinada a impulsionar indivíduos e grupos.

4. CONSIDERAÇÕES finais

Para Lima Barreto, portanto, a Literatura deveria minorar o sofrimento dos excluídos e promover o bem comum. A crítica do literato carioca concentra-se nos efeitos da modernização, os quais deixam os menos favorecidos literalmente à margem. Talvez busque incitar via crítica, a socialidade.

Via Literatura, Lima convida o leitor a pensar no *outro*, o qual, para Maffesoli (2010), é imprescindível para a constituição do *eu*. Intersubjetiva, portanto, é a crônica barretiana, evocando uma pesquisa estilística por meio da empatia do autor com os temas e a expressão desse sentimento pela forma coloquial que escolhe imprimir a seu texto. A ética da estética de LB assim se manifesta.

Ainda no tocante à Sociologia Compreensiva, como foi visto anteriormente, esta congrega afeto e razão. Tal racionalidade constitui o *ratio vitalismo* citado por Ortega y Gasset (ibid.).

Este, segundo Moraes,

preocupa-se com o que é, não com o dever-ser [...] busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a

cotidianeidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada (MORAES, 2012, p. 134).

Nesse contexto, como materialidade do imaginário (MAFFESOLI, 2010), o literato como narrador do vivido (SILVA, 2006) deve atuar em favor do fortalecimento do vínculo com o *estar-junto*, com o presente, mas, em grande parte, com o vivido, o que não se pode perder em favor do “progresso” apregoado pela modernidade. E talvez como um literato transcendente conforme ora se propõe na presente tese, Lima Barreto já faça isso nos idos da *Belle époque*.

No desejo de interação, colocando o holismo acima das perspectivas binárias ou do individualismo. Na convicção de que o homem deve negociar com a natureza, não dominá-la. Aquilo que o romantismo centrava na literatura, na poesia, torna-se, agora, mais abrangente, englobando o cotidiano. Trazer a poesia para a vida, eis a síntese desse novo romantismo.

O escritor carioca, de certo modo, dá destaque à dissolução do sujeito uno, desafiando os padrões positivistas ora vigentes, na *Belle époque*, reproduzindo, em suas obras, o indivíduo dissonante. Este se pode identificar no cotidiano da República recém-proclamada, na qual a modernização é um processo iminente.

Por isso, este trabalho se propõe a investigar a hipótese de o escritor carioca ter transcendido a modernidade, ao criticar, denunciar e até por propor uma visão alternativa à da Literatura *de deleite* de seus dias. “Quando a literatura ou a ficção surgem como elementos criadores, em qualquer domínio que seja, elas o mostram repletos de contradições [...] contradições que, de fato, asseguram a riqueza e a fecundidade do gênio em questão” (MAFFESOLI, 2010, p. 66).

Por seu legado, Lima Barreto parece corroborar o princípio maffesoliano que diz que a verdade não existe em si mesma, mas somente adquire sentido em relação a um dado conjunto social. Nisso, ressalta o teórico francês, “consiste a perspectiva relativista que, no ato do conhecimento, se vê atraída, antes de mais nada, pela sociedade que lhe serve de suporte” (MAFFESOLI, 2010, p. 142). Ao expor um sujeito fragmentado, indeterminado e passível de inúmeras confluências, Lima Barreto dialoga com o sujeito pós-moderno, plural e dotado de identificações efêmeras destacado por Hall (2006).

É importante salientar, em torno da Sociologia Compreensiva, um outro aspecto importante observado pela pesquisadora. Como foi visto no referencial teórico deste trabalho, o conceito de ética da estética ao qual se refere Maffesoli (2007). Óptica possível de vislumbrar no olhar de Lima Barreto sobre o cotidiano

ao se propor ter sido ele um literato transcendente aos valores expostos e trabalhados na Literatura de seus dias. Sob um olhar abrangente, que leva em conta as diversas imposições sociais (MAFFESOLI, 2005). Um olhar crítico da margem com relação ao centro.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Edições 70: Lisboa, 2005.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Disponível em <www.ufsc.br/nuppil>. Acesso em 25 nov. 2012.

_____. *Vida urbana*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2171. Acesso em 21 abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil – 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FREITAS, Celi Silva. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UERJ, 2002. Disponível em: http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2002_mest_uerj_Celi_Silva_Gomes_de_Freitas.pdf. Acesso em 21 nov. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEGROS, Patrick, et al. *Sociologia do imaginário*. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ª edição. Editora Vozes, Petrópolis 2005.

_____. *O conhecimento comum*. Tradução de Aluizio R. Trinta. Coleção Imaginário Cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2010;

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. *Estética da comunicação*. São Paulo: Vozes, 1997.

MELO, Joachin. *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/images/dissertacoes_defendidas/2008/joachin%20melo.pdf. Acesso em 20 nov. 2014.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. *A descoberta e a vivência do virtual: experiências infantis*. Florianópolis: DIOESC, 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Macunaíma: ser ou não ser, eis a questão*. In: *Cultura e política no mundo contemporâneo*. Brasília: UnB, 2000.

SILVA, Juremir Machado da. *Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Artigo Recebido em: 26 de setembro de 2016.

Artigo Aceito em: 15 de fevereiro de 2017.

